

Nietzsche e um jeito diferente de fazer filosofia: da superação à genealogia do pensamento

Feiler, Adilson Felicio

Veröffentlichungsversion / Published Version

Zeitschriftenartikel / journal article

Empfohlene Zitierung / Suggested Citation:

Feiler, A. F. (2020). Nietzsche e um jeito diferente de fazer filosofia: da superação à genealogia do pensamento. *Griot: Revista de Filosofia*, 20(3), 322-332. <https://doi.org/10.31977/grifi.v20i3.1952>

Nutzungsbedingungen:

Dieser Text wird unter einer CC BY Lizenz (Namensnennung) zur Verfügung gestellt. Nähere Auskünfte zu den CC-Lizenzen finden Sie hier:

<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.de>

Terms of use:


This document is made available under a CC BY Licence (Attribution). For more information see:

<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0>

NIETZSCHE E UM JEITO DIFERENTE DE FAZER FILOSOFIA: DA SUPERAÇÃO À GENEALOGIA DO PENSAMENTO

Adilson Felício Feiler¹

Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS)

 <https://orcid.org/0000-0001-7352-927X>

E-mail: afeiler@unisinos.br

RESUMO:

Para muitos, Nietzsche não é considerado um filósofo, mas um poeta. Entre os diversos fatores que contribuem para negar o *status philosophicus* ao filósofo alemão reside, por um lado, no aspecto de seu conteúdo e, por outro, no seu aspecto formal. Quanto ao conteúdo é difícil perceber algum aspecto propositivo em seu pensamento, uma tese construtiva, ao contrário, trata-se de um pensamento desconstrutivo, demolidor, um filosofar a marteladas. Quanto a forma, o estilo da escrita nietzschiana se caracteriza pelo aforismo ao invés do discurso contínuo, cada aforismo abriga um conjunto de metáforas que se destacam como enigmas a serem decifrados. Nossa proposta, neste artigo, é mostrar que apesar do conteúdo e da forma, mediante os quais, o pensamento de Nietzsche se apresenta, há uma filosofia que se dá pela superação de uma concepção racional e moral para estabelecer a genealogia de um pensamento.

PALAVRAS-CHAVE: Nietzsche; Filosofia; Superação; Genealogia; Estilística.

NIETZSCHE AND A DIFFERENT WAY OF DOING PHILOSOPHY: FROM THE OVERCOMING TO GENEALOGY OF THOUGHT

ABSTRACT:

For many, Nietzsche is not considered a philosopher, but a poet. Between diverse factors that contribute to deny the *status philosophicus* to german philosopher resides, on the one hand, in the aspect of its content and, on the other hand, in its formal aspect. As regards content is difficult perceive some purposeful aspect in his thought, a constructive thesis, on the contrary, it is a deconstructive thought, demolisher, hammering philosophize. As regards form, the style of nietzschean's writing is characterized by aphorism instead of continuous speech, each aphorism harbor a group of metaphors that stand out as puzzles to be deciphered. Our proposal, in this article, is shown that in spite of content and form, through which, the nietzschean's thought shown itself, there is a philosophy that happens by the overcoming of rational and moral conception for stablish a genealogy of a thought.

KEYWORDS: Nietzsche; Philosophy; Overcoming; Genealogy; Stylistic.

¹ Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre – RS, Brasil. Professor da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo – RS, Brasil.

Introdução

Diante daquilo que fomos levados a entender como filosofia, à saber, a busca racional pela verdade, pelo sentido último de todas as coisas, tudo aquilo que tange ao pensamento de Nietzsche parece não se enquadrar. O filósofo em questão apresenta, do princípio, meio e fim de seu pensamento, desde a sua forma, escrita até pelo conteúdo um jeito novo de fazer filosofia. Seu pensamento não consiste numa busca pela verdade, já que esta, na concepção do filósofo, não existe. O expediente da razão para essa busca da verdade tão pouco faz parte do filosofar nietzschiano. E a meta para a qual se caminha, de acordo com a filosofia tradicional, o sentido e fundamento último das coisas, da mesma forma para Nietzsche não passa de invenção, de mentira. Ora, parece que o pensamento em Nietzsche vai na contramão do pensamento tradicional em todos os sentidos, desde a forma, o método, até o conteúdo. E não poderia ser diferente, pois o filosofar em Nietzsche consiste numa genealogia, ou seja, numa maneira nova de se filosofar desde a sua base.

Nietzsche inaugura um pensamento que ultrapassa toda aquela maneira clássica de se filosofar, para tanto, sente a necessidade de retroceder milênios da história pregressa da filosofia, até toda a tradição de pensamento que antecede a Sócrates. Pois, a partir de Sócrates o pensamento, na visão de Nietzsche, passa a entrar em decadência, pela associação entre razão e moral como critérios fundamentais do filosofar. Portanto, na visão de Nietzsche, a partir de Sócrates temos o início da modernidade, por causa do expediente da razão que passa a permear toda a filosofia, desde a epistemologia, a ética, a antropologia e a cosmologia. Uma vez perfazendo esse caminho de superação do vasto período contemplado pela modernidade, se recuará até período dos gregos antigos, os quais, de acordo com Nietzsche, representam a verdadeira filosofia. A Grécia Antiga, para Nietzsche, é o berço de onde nasce a filosofia, lá todo o pensamento respira a leveza e a inocência marcada pela relação entre os seres humanos e os deuses. No entanto, da mesma forma em que há inocência há também luta, de modo que a vida e o pensamento consistem num campo anímico. A única ordem existente consiste no assenhorar-se, pela capacidade máxima de expressão da força e conseqüente afirmação da vida, o fim para o qual tende a filosofia de Nietzsche.

Nosso itinerário percorre três movimentos. Iniciamos mostrando que o filosofar em Nietzsche consiste em apontar para um fundamento novo, não mais aquele que, até então, permeou o pensamento metafísico, o Ser, mas um fundamento sem fundamento, aparentado ao devir. Intitulamos este “Do ser ao devir, um novo fundamento”. Na seqüência, aprofundando o aspecto do devir como fundamento do filosofar, chegamos ao entendimento de que o expediente racional não serve mais para dar cabo a este novo empreendimento filosófico, mas a intuição. Intitulamos este “Da razão à intuição, uma filosofia de totalidade”. Para, por fim, realizarmos uma incursão sobre a meta a qual se coloca a filosofia de Nietzsche, não mais aquela da busca da verdade e sim da afirmação da vida, pela via das forças. De modo que a verdade torna-se perspectiva, ou seja, um constructo a partir do ponto de vista de cada um. Intitulamos “Da verdade à perspectiva, o filósofo artista”. Em cada um destes movimentos, mostramos a importância da filosofia de Nietzsche enquanto expediente genealógico decifrador de enigmas e transvalorador de valores.

Do ser ao devir, um novo fundamento

A busca pelo fundamento é uma constante no pensamento filosófico, tal como tem sido tradicionalmente compreendido. Este fundamento esteve ligado a inúmeros elementos, desde

aqueles da natureza, como é caso dos pré-socráticos, como do sentido racional transcendente no caso dos clássicos e a razão técnico científica na modernidade. Nos três exemplos acima o ser se revela como aspecto fundamental, seja como ser da natureza, como ser da razão transcendente ou ser da razão científica.

Nietzsche retrocede àquela problemática inicial que se depreende de Parmênides e Heráclito, sobre o ser e o movimento, respectivamente como fundamentos que subjazem a todas as coisas. Se em Parmênides o ser, aquela realidade estática, serve de fundamento a todas as coisas, para quem tudo o que é fundamenta e dá sentido ao todo, em Heráclito é o devir (*Werden*), aquela realidade em movimento o que serve de fundamento ao todo, de modo que o que muda é o que serve de fundamento ao todo. “O desejo de destruição, mudança, vir-a-ser, pode ser a expressão da força repleta, grávida de futuro” (FW/GC, 370, KSA 3.621)². O vir-a-ser³ expressa o desejo de plenitude, como força que atinge a sua culminância. Eduardo Nasser, ao refletir sobre a dinâmica do vir-a-ser na obra de Nietzsche, diz que “[...] o vir-a-ser ganha o estatuto de ser, o que torna a perenidade uma mera aparência.” (NASSER, 2016, p. 416).

Diante destas duas possibilidades de fundamento ao todo, Nietzsche opta pela de Heráclito. “Os tipos dos grandes personagens trágicos são os grandes homens contemporâneos: os heróis esquilianos têm afinidade com Heráclito.” (*Nc/FP* do outono de 1869, 1[108], KSA 7.420. Em Heráclito, Nietzsche constata proximidade à figura do herói trágico. Para o filósofo alemão, a mudança perpassa o todo, de modo que a realidade como um todo é vir a ser. O movimento perpassa desde os elementos componentes fisiológicos até os que compõe o pensamento. E é graças ao movimento contínuo de todas as coisas que a vida, a realidade fundamental enfatizada por Nietzsche, pode se afirmar. Werner Stegmaier, em seu comentário a respeito da relação entre corpo, mundo e vida, diz que “O conceito de corpo e de seu entrelaçamento com o mundo no si-mesmo conduz finalmente ao conceito de vida” (STEGMAIER, 2013, p. 44). A vida afirmada por Nietzsche é a vida orgânica, corpórea. “A vida mesma nos recompensa por nossa tenaz vontade de vida, por uma longa guerra, tal como a que eu, daquela vez, travei comigo contra o pessimismo do cansaço de viver, e já por cada olhar atento de nossa gratidão, que não deixa passar os menores, mais delicados, mais fugazes presentes da vida” (*VM/OS*, Prólogo, 5, KSA 2.375). A vida deve ser afirmada em todas as situações, principalmente naquelas em que se manifesta cansaço dela.

Pois vida é capacidade de expressão de forças, e para que as forças possam se sustentar é preciso do movimento, o seu motor e combustível fundamental, “[...] a suprema intensificação de suas forças e, com isso, nessa aliança fraterna de Apolo e Dioniso⁴, o ápice das finalidades artísticas apolíneas, assim como das dionisíacas” (*GT/NT*, 24, KSA 1.150). Pela aliança entre antípodas, a força se estabelece, a tragédia tem seu início e a vida se afirma.

² Para as citações das obras de Nietzsche adotamos a Edição Crítica Alemã Colli & Montinari: KSA (*Sämtliche Werke: Kritische Studienausgabe*) e das Cartas KGB (*Sämtliche Briefe Kritische Studienausgabe*); após a sigla indicando a obra, em Alemão/Português: *GT/NT* – *Die Geburt der Tragödie* (O nascimento da tragédia), *WL/VM* – *Über Wahrheit und Lüge im aussermoralischen Sinn* (Sobre verdade e mentira no sentido extramoral), *VM/OS* – *Menschliches Allzumenschliches* (vol. II): *Vermischte Meinungen* (Humano, demasiado humano (vol 2): Miscelânea de opiniões e sentenças), *M/A* – *Morgenröte* (Aurora), *FW/GC* – *Die fröhliche Wissenschaft* (A gaia ciência), *Za/ZA* – *Also sprach Zarathustra* (Assim falava Zaratustra), *JGB/BM* – *Jenseits von Gut und Böse* (Para além do bem e do mal), *GM/GM* – *Zur Genealogie der Moral* (Genealogia da moral), *EH/EH* – *Ecce Homo* (Ecce Homo), *Nc/FP* – *Nachlass* (Fragmentos Póstumos), segue o número, em romano, indicado o capítulo, se tiver, o número do aforismo, KSA ou KGB, o número do volume e a página.

³ O vir-a-ser constitui a ontologia de Nietzsche. Através da concepção do vir-a-ser tudo o que inspira permanência passa a se colocar sob suspeita, pois é o movimento de todas as coisas o que subjaz ao pensamento de Nietzsche, de modo que a verdade passa a ser compreendida como aparência.

⁴ A noção básica das forças provém das disposições artísticas fundamentais do ser humano, à saber, a apolínea e a dionisíaca.

Assim, pelo movimento, a força se manifesta por entre os poros de todos os seres que compõem o mundo, desde as pedras plantas, animais até o ser humano. Neste último, as forças que transpassam os seus poros se expressam como vontade de potência, que é a vontade de criar, ou seja, o seu produto criador é a produção estética. De acordo com André Luís Mota Itaparica “Nietzsche concebe a vontade de potência como pontos de força dotados de um querer interno” (ITAPARICA, 2004, p. 109). Consiste num querer interno que se plenifica a cada instante de intensificação das forças. A filosofia inteira de Nietzsche consiste numa concepção de forças. Forças estas que a todo instante buscam assenhorar-se, afirmando-se frente às demais, num jogo eterno de luta. E é dessa luta que a vida poderia ser sustentada. Assim, enquanto houver força há vida, caso contrário há morte e inanição. Interessante notar qual o contexto em que Nietzsche apresenta estas concepções de força: um contexto de fraqueza, doença, degenerescência fisiológica, o que implica em decadência cultural. O próprio exercício do filosofar é apresentado pelo filósofo como uma forma concreta de manifestação de força contra a fraqueza. Por essa razão, o filósofo “[...] levou à consideração de ‘uma nova saúde’, mais forte, mais espirituosa, mais persistente, mais ousada, mais prazerosa do que todas as saúdes até agora.” (STEGMAIER, 2013, p. 212).

Numa concepção filosófica organicista, como a de Nietzsche, o grande obstáculo a ser enfrentado reside na insistência de se instaurar pressupostos próprios de modelos filosóficos metafísicos. Contudo, é curioso o fato de como se pode refletir filosoficamente afastando-se de todo e qualquer pressuposto. No caso de Nietzsche, talvez o único pressuposto possível é a realidade de que o movimento, caracterizado pelo jogo entre oposição e resistência, permeia a vida em sua totalidade. Por isso, a cada instante novos desafios se desenham, fazendo com que um *quantum* de resistência se desprenda, num processo sucessivo e infundável.

Toda atividade, enquanto tal, produz prazer – falam os fisiólogos. Em que medida? Por que a força acumulada trouxe consigo uma espécie de ímpeto e de pressão, um estado face ao qual o fazer é sentido como uma liberação? Ou na medida em que toda atividade é uma superação de dificuldades e oposições/resistências? e por que muitas oposições/resistências pequenas, sempre de novo superadas, trazem consigo, de maneira leve e como uma dança rítmica, uma espécie de comichão do sentimento de poder? (Nc/FP da Primavera de 1887,7[18], KSA 12.301-2).

A configuração das forças que se depreendem desta sucessiva luta se dá em forma hierárquica, em subjugados e subjugadores. Contudo, os que hoje são subjugados amanhã poderão não o ser e vice-versa. A ordem é buscar continuamente o assenhoramento, pelo atingir de pontos sempre mais culminantes de potência. Enquanto houver obstáculos a serem superados, haverá a necessidade de se opor resistência; portanto, há força, num processo infundável. Caso contrário, sem obstáculos, não há resistência, e, conseqüentemente, não há força. Em última análise, é a força o que move a vida, o que a sustenta. Vida é força. Por essa razão, a vida é mantida com as forças que lhe correspondem, na medida em que for imune à doença e gozar de saúde. Mas não de qualquer saúde e sim de uma “[...] grande saúde⁵, seria preciso, em suma e infelizmente, essa mesma *grande saúde!*...” (GM/GM, II Dissertação, 24, KSA 5.336).

⁵ O tema da grande saúde é fundamental na obra de Nietzsche, através deste, Nietzsche põe em movimento o seu projeto de ataque à cultura decadente, fruto da degenerescência fisiológica. Pela saúde fisiológica, o filósofo vê como possível o estabelecimento de uma cultura também saudável.

Se tudo está em movimento, é inconcebível a Nietzsche todos os constructos produzidos pela moral, principalmente aqueles que se depreendem da concepção cristã. Os diversos mandamentos e leis que se insurgem para ordenar ao ser humano esquecer a vida humana terrena para se apegar àqueles que se depreendem de uma concepção transcendente, como é o caso de concepções como vida eterna, pecado, inferno, culpa. Desse modo, segundo Nietzsche, ao proceder em esquecer as realidades deste mundo se impede com que as pulsões próprias das inclinações humanas se expressem e, com isso, se nega a vida. Pois, a vida é abertura, e por isso, não pode ser enquadrada em esquemas racionais determinados, mas compreendida como movimento de pulsões que buscam se afirmar em instantes de plenitude, portanto, cada instante é pleno, constituindo, por essa razão a intuição.

Da razão à intuição, uma filosofia de totalidade

A razão tem sido o critério fundamental no que diz respeito à dimensão do filosofar. Inclusive, diversos livros didáticos de história da filosofia atribuem o início da filosofia a partir do advento da razão, o que acontece, de acordo com essa leitura, com Tales de Mileto. Bem, se este é realmente o critério da filosofia, então antes disso, ou seja, no período dos gregos antigos não se tem filosofia. A mitologia grega, segundo esta concepção, não se enquadra nos critérios da filosofia. Eis um dos grandes contra sentidos, que o filósofo alemão, acertadamente, pontua. No entanto, a maneira pela qual o faz causa uma certa estranheza, pois resume a filosofia apenas a este período grego antigo, de modo que o que vem de Sócrates em diante não passa de uma “tartufice” da razão, uma mentira e engano. “A rígida e virtuosa tartufice do velho Kant, com a qual ele nos atrai às trilhas ocultas da dialética, que encaminham, ou melhor, desencaminham, a seu ‘imperativo categórico’” (*JGB/BM 5, KSA, 5.19*). Nietzsche recorda Kant como um exemplo de fazer de sua razão moral, pelo imperativo categórico, uma falsa piedade, uma hipocrisia. Por essa razão, alguns radicalismos que, por sua vez, implicam em reducionismos são alvos de suspeitas, razão pela qual assim é também reconhecido o filósofo alemão. Nietzsche coloca sob suspeita tudo o que constitui constructo da razão.

O velho problema teológico de ‘fé’ e ‘saber’ – ou, mais claramente, de instinto e razão – isto é, indagar se no que toca à valoração das coisas o instinto merece autoridade maior que a racionalidade”, a qual deseja que se avalie e se aja de acordo com motivos, conforme um ‘por quê’, isto é, segundo a finalidade e a utilidade – ainda é aquele velho problema moral que surgiu primeiramente na pessoa de Sócrates (*JGB/BM 191, KSA, 5.112*).

Mas qual o motivo pela qual sua oposição tão frontal contra a razão?

Uma das razões para tamanha hostilidade à razão pelo filósofo reside no fato da maneira pela qual a razão tem conduzido os seus diversos trabalhos reflexivos. Qual seja, a de separar, selecionar, estabelecer critérios sob a chancela da relação causa e efeito, com implicações diretas sobre a questão dos valores, que se expressam, inclusive na relação culpa e castigo.

Não somente o colocaram nas consequências de nossas maneiras de agir - e como já é apavorante e contrário à razão entender causa e efeito como causa e castigo! -, mas foram mais longe, e despojaram a pura contingência do acontecer de sua inocência, com essa infame arte de interpretação do conceito de castigo. Sim, levaram tão longe o desatino, a ponto de mandar sentir a própria existência como castigo (*M/A, 13, KSA, 3.26*).

Ora, se a razão procede em *constranger*, selecionar, separar, o faz segundo o ditame de determinados valores. Por essa razão, Nietzsche vê a necessidade de detectar a origem e finalidade de tais valores, avaliando a forma pela qual nasceram, se desenvolveram e frutificaram, o que leva a se constatar que cada valor é plasmado de acordo com determinadas avaliações. A este procedimento original, que funciona como base de detecção de valores Nietzsche denomina *genealogia*⁶ – “[...] necessitamos de uma crítica dos valores morais, o próprio valor desses valores deverá ser colocado em questão⁷ – para isto é necessário um conhecimento das condições e circunstâncias nas quais nasceram, sob as quais se desenvolveram e se modificaram” (*GM/GM*, Prólogo, 6, KSA, 5. 253). Neste sentido, é aplicado um procedimento subsequente, o de estabelecer quais as avaliações das avaliações, até atingir uma que não pode ser avaliada, sendo esta não outra senão a vida. “A pergunta é até que ponto é propiciador da vida, conservador da vida, conservador da espécie, talvez mesmo aprimorador da espécie” (*JGB/BM*, 4, KSA 5.18). Diante deste critério, Nietzsche privilegia tudo o que a ela se adequa e a afirma, à saber, toda a dinâmica das pulsões e das forças. Por isso, numa dinâmica pulsional, a razão constitui obstáculo, pois limita a dimensão das forças ao proceder segundo critérios que separam, selecionam e estabelecem relações de causalidade. Para tanto, a razão, de acordo com esta concepção, não pode continuar servindo mais com critério, dela se deriva a “[...] moral como *décadence*” (*Nc/FP* da primavera de 1888, 14[66], KSA 13.251), mas um outro critério que, ao invés de operar divisões, estabeleça unidade em torno a uma concepção de totalidade. E qual seria este critério?

Nietzsche entende que a intuição (*Intuition*)⁸, diferentemente da razão, é capaz de operar a unidade que se espera para se refletir sobre a vida entendida enquanto uma concepção de forças. Esta unidade possibilita “[...] o homem intuitivo, digamos como na Grécia antiga, conduz suas armas mais poderosamente e mais vitoriosamente do que seu reverso, pode configurar-se, em caso favorável, uma civilização e fundar-se o domínio da arte sobre a vida” (*WL/VM*, 2, KSA 1.889). A intuição é uma maneira de se compreender a realidade da vida para além dos interditos que estabelecem divisões. A concepção de um homem intuitivo é capaz de penetrar com muito mais fecundidade e proveito naqueles meandros intransponíveis pela razão. Por ela se é capaz de exercitar uma dimensão bastante cara a Nietzsche, a dimensão psicológica, que vê um com olhar mais profundo que o da razão, por ser um olhar que atinge, para além da unilateralidade, a totalidade. Pela intuição se é capaz de estabelecer uma genealogia de todos os valores que permeiam a vida, diagnosticando-os, e com isso, neles constatando um dos grandes interditos que funcionam como obstáculos para que a vida possa se afirmar. A vida afirmada é condição para

[...] o sábio como o homem da inalterabilidade, impessoalidade, universalidade da intuição, como um e tudo ao mesmo tempo, com uma faculdade própria para aquele

⁶ A genealogia é um procedimento inédito na filosofia, e Nietzsche é o seu protagonista. Por este procedimento, se estuda as condições de criação dos valores, colocando-se em questão os critérios de valoração e avaliação dos valores, a fim de se atingir o valor que não pode ser avaliado.

⁷ Quando Nietzsche vê a necessidade de se colocar em questão o valor dos valores está conduzindo o nihilismo a sua radicalização, pois o valor de todos os valores que têm fundado a cultura ocidental não é outro senão Deus. No entanto, mesmo que Deus já não faça mais parte da cultura, muitos de seus valores continuam a influenciá-la: a ciência moderna passa a ocupar o lugar de Deus. Ashley Woodward, por essa razão, diz que “[...] embora não acreditassem em Deus, eles ainda acreditavam, em grande medida, em muitos dos valores da interpretação moral do cristianismo” (WOODWARD, 2016, p. 27).

⁸ A intuição é uma dimensão muito cara à Nietzsche, mediante essa capacidade o filósofo alemão vê como possível fazer jus a condição própria de filósofo. Esta dimensão, Nietzsche já desde a mais tenra idade, tem desenvolvido, como recorda Curt Paul Janz, ao fazer menção à sua paixão pela música. “A música é sua paixão inata: ‘No dia da Ascensão do Senhor – (provavelmente de 1854) – fui à igreja e ouvi o coro sublime do Messias: o ‘Aleluia!’” (JANZ, 2016, p. 54).

conhecimento invertido; eram da crença de que seu conhecimento é ao mesmo tempo o princípio da vida. Mas, para poderem afirmar tudo isso, tinham de enganar-se sobre seu próprio estado: tinham de se atribuir ficticiamente impessoalidade e duração sem mudança, desconhecer a essência daquele que conhece, negar a tirania dos impulsos no conhecer e em geral captar a razão como atividade plenamente livre, originada de si mesma; mantinham os olhos fechados para o fato de que também eles haviam chegado às suas proposições contra dizendo o vigente ou desejando tranquilidade ou posse exclusiva ou domínio (FW/GC, 110, KSA 3.470).

A capacidade intuitiva leva em consideração elementos que escapam a uma análise puramente racional, como é, por exemplo, toda a dimensão que se depreende da fruição artística. A dimensão estética requer uma visão que se eleva para além da uma pura análise de dados concretamente situados. Trata-se de uma capacidade que compreende a interligação entre arte e ciência, “A capacidade para a clareza científica e para a transfiguração estética constitui, para Nietzsche, a arte filosófica⁹. (STEGMAIER, 2013 p. 230). O viver artístico, o criar supõe uma vontade de ultrapassar os valores estabelecidos, “A vontade de potência. Ensaio de uma transvaloração de todos os valores” (Nc/FP da primavera de 1888,14[78], KSA, 13.257). Ela supõe uma compreensão que açambarque a realidade contemplada como um todo, mas ao mesmo tempo, com profundidade e acuidade, com alcance ao mesmo tempo crítico e criativo, no intuito de proporcionar um alargamento de visão. Nietzsche confia em uma carta a Georg Brandes o quanto o povo alemão ainda carece deste alargamento de visão,

Porventura você pensa que eu sou conhecido na pátria amada? Sou tratado lá como se eu fosse algo um tanto extravagante e absurdo, o que por enquanto não há nada necessário para levar a sério... Parece que eles farejam que eu não os levo nada a sério, e como eu poderia também hoje onde o “espírito alemão” se transformou em *contradictio in adjeto* (Contradição em adição)! – (Carta a Georg Brandes de 10 de abril de 1888, 1014, KGB 8.286).

Diante desta visão intuitiva aberta a uma totalidade somos levados a nos perguntar qual o sentido que nela possui a concepção de verdade. Qual o lugar que a verdade ocupa dentro desta nova perspectiva?

Da verdade à perspectiva, o filósofo artista

O projeto nietzschiano traça uma maneira nova de conceber o conhecimento, não é mais atrelado a busca de uma verdade, concebida enquanto realidade imutável mas como algo que está em constante mutação. Dentro dessa nova maneira de compreensão, já não tem mais sentido sequer falar em verdade.

Em algum remoto rincão do universo cintilante que se derrama em um sem-número de sistemas solares, havia uma vez um astro, em que animais inteligentes inventaram o conhecimento. Foi o minuto mais soberbo e mais mentiroso da "história universal": mas também foi somente um minuto. Passados poucos fôlegos da natureza congelou-se o astro, e os animais inteligentes tiveram de morrer (WL/VM, 1, KSA 1.875).

⁹ A concepção filosófica Nietzscheana constitui, em última análise, uma concepção estética, de modo que o filósofo é compreendido como um criador, um artista, um filósofo artista.

Aquilo que é verdade hoje amanhã poderá não o ser, como vemos nesta passagem inicial de *Sobre a verdade e a mentira no sentido extra moral*. Por essa razão, o critério de verdade dependerá do ponto de vista adotado pelo que avalia; assim, dependendo do ponto, diferentes verdades se alcançarão. Dentro desta nova concepção a verdade passa a ser perspectiva (*Perspektive*)¹⁰. “Só que, certamente, a crença em sua verdade é necessária, como uma crença de fachada e uma aparência que faz parte da ótica-de-perspectivas da vida” (JGB/BM, 11, KSA 5.26).

Nietzsche inaugura, mediante o seu perspectivismo, um jeito novo de fazer filosofia, em que continuamente novas possibilidades são incorporadas e reinventadas. A abertura ao criar marca o passo a uma possibilidade de redimensionamento da realidade, com implicações em diferentes áreas, desde a apresentação formal escrita até o conteúdo. Nietzsche, sonhou em ser músico, contudo, não foi um bom músico, mas fez música com as palavras. Seus textos escapam àquele discurso contínuo, próprio da maneira como a filosofia tradicionalmente tem se manifestado, para assumir uma forma nova, em que as palavras possuem musicalidade induzindo a dança. Uma dança que marca continuamente um novo compasso, como é ensinada por Zarathustra.

Certo dia, ao anoitecer, Zarathustra andava pela floresta com seus discípulos; e, quando buscava uma fonte, eis que chegou a um verde prado, silenciosamente rodeado de árvores e arbustos. Nele havia garotas que dançavam entre si. Tão logo reconheceram Zarathustra, interromperam a dança; mas Zarathustra se aproximou com gestos amigáveis e lhes disse estas palavras:

Não interrompais a dança, graciosas garotas! Não é um desmancha-prazeres com o olhar ruim que vos chega, nem um inimigo das garotas.

Sou o advogado de Deus perante o Diabo: mas este é o espírito de gravidade. Como poderia eu, ó leves criaturas, ser inimigo das danças divinas? Ou dos pés das moças com belos tornozelos? [...]

Não vos zangueis comigo, ó belas dançarinas, se eu disciplinar um pouco o pequeno deus! Ele vai gritar certamente, e chorar – mas é de rir até quando chora!

E com lágrimas nos olhos ele vos pedirá uma dança; e eu próprio entoarei um canto para a dança:

Um canto para dançar e zombar do espírito de gravidade, do meu altíssimo e poderosíssimo Diabo, do qual dizem ser ‘o senhor do mundo’

E eis o canto que Zarathustra entoou, enquanto Cupido e as moças dançavam. (*Za/ZA*, II, O canto da dança, KSA 4.139)

A dança é movimento, é força, é vida. Toda aquela força que penetra os poros de todos os seres que compõem o mundo ao atingirem os do ser humano passam a se expressar em forma de criação artística. Neste sentido, o filósofo não é mais um simples filósofo, mas um filósofo artista. Aquele que superou uma maneira metafísica de compreensão do mundo para assumir uma maneira fisiológica, portanto, é fiel à terra, para dela emergir como além do homem. “Amo Aqueles que não procuram atrás das estrelas uma razão para sucumbir e serem sacrificados: mas que se sacrificam à terra, para que a terra um dia se tome do além-do-homem” (*Za/ZA*, Prefácio, 4, KSA 4.17).

Este filósofo assume o peso mais pesado, sabendo que sempre é capaz pela superação, mediante a vontade de potência, a atingir pontos sempre mais culminantes de potência.

¹⁰ Nietzsche procura se manter fiel ao seu projeto filosófico do começo ao fim. Por isso, toda a sua filosofia consiste num ataque frontal a todas as concepções morais que visam a verdade. Neste sentido, tudo o que inspira verdade, ao passar pela crítica nietzschiana, passa a possuir caráter provisório. Richard Schacht, ao refletir sobre o tipo de filosofia de Nietzsche, lembra que: “A abordagem perspectivística de Nietzsche é ligada ao caráter ‘experimental’ que ele atribui a seu tipo de pensamento filosófico. Seu tratamento dos problemas é admitidamente apenas provisório e indeterminado” (SCHACHT, 2017, p. 187).

Ademais, ele sabe que tudo o que viveu o tornará a viver um número interminável de vezes, pois tudo retorna – “[...] ó Zaratustra, quem tu és e tens de tornar-te: eis que és o mestre do eterno retorno – é esse agora o teu destino! (...) Vê, sabemos o que ensinas: que todas as coisas eternamente retornam, e nós sabemos com elas, e que eternas vezes já estivemos aqui, juntamente com todas as coisas. (Za/ZA, III, O convalescente, 2, KSA 4.275-6). O eterno retorno é o pensamento mais abissal que Nietzsche empreendeu, vivê-lo requer acolher o grande peso, não apenas sabendo, mas desejando que eventos promissores, mas também eventos difíceis, pesados retornarão. Viver cada grande evento desses requer despende um quantum de forças capaz de fazer com que se assuma o grande peso, não apenas acolhendo o fato, mas o amando, daí a fórmula ética de Nietzsche: *amor fati*. “Minha fórmula para a grandeza no homem é amor fati: não querer nada de outro modo, nem para diante, nem para trás, nem em toda eternidade. Não meramente suportar o necessário, e menos ainda dissimulá-lo - todo idealismo é mendacidade diante do necessário -, mas amá-lo...” (EH/EH, Porque sou tão esperto, 10, KSA 6.297). Diante do grande peso é preciso amar o fato, tal como se apresenta, e isso só é possível mediante a perspectiva do filósofo artista. Aquele que faz do grande peso do fato uma obra de arte, inaugura assim uma concepção estética. Bernard Magnus diz que o ideal sugerido por Nietzsche, “[...] é a experiência do *amor fati* [amor pelo destino], na qual a pessoa ama sua vida, com todos os seus defeitos, tal como é” (MAGNUS, 2017, p. 56).

Diante de quadros tão desafiadores, fruto de eventos aparentemente onipotentes, se depreende, em todo o instante, uma carga de força capaz de se reinventar, ou seja, a sua capacidade de criar. Portanto, a resposta dada pelo que se supera e redime é a criação artística. A arte é o antídoto contra todo o conformismo passivo¹¹, contra todo o pessimismo e sentimento de estar vencido. A arte ativa o desejo e a vontade de mais, de nunca estar saciado, de dar sempre um passo além, de afirmar a vida. “O mesmo impulso que chama a arte para a vida, como a complementação e perfeição da existência que induz a continuar a viver” (GT/NT, 3, KSA 1.36).

Nietzsche viveu estes desafios com relação ao seu quadro clínico; diante de suas terríveis dores de cabeça e estômago, teve que reinventar o seu dia a dia, seja pela produção intelectual e caminhadas, como pela busca infundável por ambientes que lhe fossem favoráveis ao seu estado de saúde. O ciclo do retorno para ele, neste quadro clínico, se mostrou tenebroso, o que ele assumiu com firmeza e disposição afirmativa, tendo como resultado um produto intelectual profundo e profícuo. Assim, sua resposta diante do peso aparentemente intransponível do *fatum* foi a redenção, pela sua capacidade estimulada em criar, transpor, reinventar.

Conclusão

Neste pequeno itinerário pela filosofia de Nietzsche, quisemos mostrar que apesar de todas as críticas lançadas ao pensamento de Nietzsche, considerando-o como afilósofico, fomos levados a perceber que este pensamento traz já desde a forma pela qual se apresenta uma intencionalidade, que por si só já é filosófica. Nietzsche tem a intenção de ultrapassar a modernidade que se tornou enrijeceu pela moral e pela razão, para tanto dois são os alvos principais de suas críticas, a moral cristã e a moderna ciência. Por essa razão, o filósofo sente a necessidade de retroceder na história do pensamento até antes de Sócrates. No pensamento

¹¹ Tudo o que inspira passividade conduz, de acordo com a compreensão de Nietzsche, à decadência. Por isso, a única forma de reverter o quadro decadencial, presente desde a dimensão fisiológica até a dimensão cultural, é interpor a atividade, a afirmação, o assenhoramento.

grego antigo o filósofo alemão julga encontrar o terreno de onde se possa realizar uma transvaloração de todos os valores que o ocidente estabeleceu munido da moral e da razão.

Diante do quadro decadencial sofrido pela cultura ocidental, Nietzsche vê como urgente o estabelecimento de forças que lhe façam oposição. Para tanto, procede a filosofar a golpes de martelo sob bases que necessitam ser desconstruídas. Uma vez desmanteladas estas bases, novas poderão surgir. Inicia com golpes de martelo sob a concepção filosófica ocidental de Ser, aquela concepção estática, fechada, doutrinária, mas em seu lugar instaura a concepção de devir, movimento, leveza revisitando aquela problemática filosófica inicial instaurada por Parmênides e Heráclito. Segue o filósofo em uma desconstrução da razão, que em seu procedimento classificador analítico, procede em separações que implicam na perda da totalidade, para dar espaço a intuição, aquela capacidade de alargamento de visão permitindo abrir-se ao pensamento de plenitude. E, ainda, um terceiro golpe de martelo é aplicado sobre a concepção de verdade, que em sua determinidade legal constrange as forças, para instaurar a dimensão perspectivística em que a multiplicidade e a diferença permitem com que o movimento possibilite a vasão das forças e assim a vida se afirme como uma concepção artística.

Logo, Nietzsche inaugura um modo de fazer filosofia diferenciado; modo este de superação genealógica, que, ao proceder a golpes de martelo, desconstrói o que o Ocidente construiu mediante a razão e a moral. Seja na forma, pelo estilo aforismático, como no conteúdo, uma concepção organicista estética da vida, Nietzsche transvalora os valores ocidentais tradicionais. A transvaloração se dá pela ativação das forças, que atuam como vontade de potência, pelo homem que se ultrapassa, como além do homem, que, em cada ciclo do retorno afirma o fato o amando como *amor fati*.

Referências

- ITAPARICA, André Luís Mota. O novo ‘infinito’: perspectivismo e interpretação. In: *Caminhos percorridos e terras incógnitas*. Encontro Nietzsche. Org. Vânia Dutra de Azeredo. Ijuí: Editora Unijuí, 2004. pp. 97-118.
- JANZ, Curt Paul. *Friedrich Nietzsche. Uma biografia. Vol. I: Infância, juventude. Os anos em Basileia*. Trad. Markus A. Hediger e Luís M. Sander. Petrópolis: Vozes, 2015.
- MAGNUS, Bernd; HIGGINS, Kathleen H. As obras de Nietzsche e seus temas. (Org.) *Nietzsche*. Trad. André Oídes. São Paulo: Editora Ideias & Letras, 2017. pp. 35-89.
- NASSER, Eduardo. Vir-a-ser. In: *Dicionário Nietzsche. Sendas e Veredas*. Grupo de Estudos Nietzsche, São Paulo: Edições Loyola, 2016. Pp. 416-7.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Kritische Studienausgabe*. Herausgegeben von Giorgio Colli und Mazzino Montinari. Verlag de Gruyter: Berlin, 1999. 15 Bd.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Sämtliche Briefe: Kritische Gesamtausgabe Briefwechsel KGB*. Herausgegeben von Giorgio Colli und Mazzino Montinari. Walter de Gruyter: Berlin, 1986. 8 Bd.
- NIETZSCHE, Friedrich. *O nascimento da tragédia*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Humano, demasiado humano. Um livro para espíritos livres*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Aurora*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- NIETZSCHE, Friedrich. *A gaia ciência*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Além do bem e do mal. Prelúdio a uma filosofia do futuro*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da Moral. Uma polêmica*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Ecce Homo. Como alguém se torna o que é*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Obras incompletas*. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1999.
- SCHACHT, Richard. O tipo de filosofia de Nietzsche. In: MAGNUS, Bernd; HIGGINS, Kathleen H. (Org.) *Nietzsche*. Trad. André Oídes. São Paulo: Editora Ideias & Letras, 2017. Pp. 183-215.
- STEGMAIER, Werner. *As linhas fundamentais do pensamento de Nietzsche. Coletânea de artigos: 1985-2009*. Trad. Oswaldo Giacóia Jr. Petrópolis: Vozes, 2013.
- WOODWARD, Ashley. *Nietzschianismo*. Trad. Diego Kosbiau Trivisan. Petrópolis: Vozes, 2011.

Autor(a) para correspondência: Adilson Felício Feiler, Rua P. Aloysio Sehnem, 186 - B. Cristo Rei, 93022-630, São Leopoldo – RS, Brasil. afeiler@unisinos.br